



O HOMEM DÚPLICE, ANIMAL FERROZ E INTELIGENTE

José Beluci Caporalini¹

RESUMO: O objetivo deste artigo, fruto parcial de uma pesquisa mais ampla e ainda em andamento, é o de fazer uma análise e exposição a propósito das reflexões antropológicas do escritor português Fidelino de Sousa Figueiredo, 1889-1967, a partir de seus escritos. Ele escreveu muito sobre crítica literária e em seus escritos faz inúmeras reflexões interessantes e profundas sobre o ser humano. Assim sendo este trabalho visa descobrir em seu pensamento os limites da pessoa humana caracterizadores desse complexo ser. Em seus escritos, estão muito presentes termos como dor, mal, violência e morte os quais são típicos de seus interesses principais em sua abordagem antropológica. Há limites por toda parte neste inteligente, feroz, sábio e, às vezes, ser santo. Fidelino afirma que o homem é capaz dos maiores prodígios técnicos, ainda que também possa matar o seu vizinho, como o fez através dos séculos. Tais problemas dos limites humanos são alguns dos grandes temas metafísicos dos grandes filósofos desde a aurora da filosofia. Os resultados mostram que apesar do caráter dúplíce da natureza humana, Fidelino enfatiza a nobreza do homem e rejeita a versão do existencialismo francês que vê a existência humana como absurda. Portanto, ele nega quaisquer espécies de niilismo, absurdo ou náusea, ao se referir ao ser humano. O homem, para Fidelino, apesar de tudo, é grande e não pode ser reduzido a nada que o diminua. E é isto o que se procura mostrar neste artigo.

PALAVRAS-CHAVE: duplicidade; ferocidade; inteligência; metafísica; morte.

1 INTRODUÇÃO

No que se segue, fruto parcial de uma pesquisa mais ampla e ainda em andamento, serão apresentados alguns aspectos do pensamento antropológico do pensador português Fidelino de Sousa Figueiredo, 1889-1967. Ele, através de sua imensa produção literária, apresenta algumas reflexões muito interessantes e de profunda importância filosófica a respeito do homem. Aquilo que o preocupa é o problema dos limites do ser humano, da dor, do mal, da violência sofrida e causada e, coroando tudo, da morte. Limites por toda parte desse ser, inteligente e feroz, às vezes sábio e até santo. Mas esse homem, capaz dos maiores prodígios técnicos, também possui a habilidade de matar os seus semelhantes e os matou ao longo dos séculos, como Fidelino assinala. Esses problemas dos limites do ser humano são alguns dos grandes temas metafísicos de alguns dos maiores filósofos desde a aurora da filosofia, como Platão, por exemplo, em *Górgias*, *Fédon*, *República*, *Timeu*, etc, (PLATON, 1981). Fidelino fala muito em duplicidade, ferocidade e inteligência em suas reflexões de ordem antropológica. Estes e outros aspectos caracterizadores desta “fera sábia” são apresentados por ele, sobretudo em seus últimos escritos. Sendo assim, este trabalho teve por objetivo determinar,

¹ Docente da UEM. Departamento de Filosofia da Universidade Estadual de Maringá – UEM, Maringá – Paraná. icaporalini@gmail.com

elucidar e responder questões como: Há uma linha mestra que conduz o seu pensamento? Qual ou quais leituras se pode(m) fazer de seu pensamento antropológico? Fidelino é niilista, ao modo do existencialismo francês? Será para ele o homem um absurdo? Será que a sua existência é absurda, caracterizada pela angústia e pela náusea? Fidelino apresenta uma leitura redutora ou ponderada? Afinal, quem é o homem, para o autor português? A seguir procura-se examinar como se articula a sua reflexão antropológica.

2 MATERIAL E MÉTODOS

O material usado neste trabalho, que faz parte de uma pesquisa mais ampla e ainda em andamento, foram os mais de 60 livros da vasta publicação de Fidelino de Figueiredo, particularmente os da sua etapa final, dentre os quais se citam: *Música e pensamento*, (1957) (1955); *O medo da história*, (1957) (1955); *Um homem na sua humanidade*, (1957) (1956); *Diálogo ao espelho*, (1957); *Entre dois universos*, (1959), *Símbolos e mitos*, (1964); *Ideias de paz*, (1966); *Paixão e ressurreição do homem*, 1967. O método utilizado foi uma análise crítica, meticulosa e comparativa dos mesmos, tendo-se em mente os diálogos platônicos acima referidos.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Segundo Platão, *Fedro*, 253d ss, o homem é de origem divina, porque a sua alma contemplou as Ideias e a verdade. Contudo, aí também fala do cocheiro e dos dois cavalos; um obediente e moderado e o outro precisamente o contrário. Ou seja, a alma humana, já em sua origem, não é simples e tem consigo a marca da complexidade e ambiguidade do homem. Este desequilíbrio de origem não a permite dominar as paixões; daí, pois que caia na desordem e na injustiça; no mal, em poucas palavras. Porém, por que é a alma humana assim? Qual a origem última de seu mal? Platão não explica. Este só pode estar radicado no homem, *pois o deus é bom, Rep.*, II, 379b. (...) *a divindade... não é a causa dos males, mas só do bem, de todos os bens, Rep.*, II, 380c. A virtude não tem senhor: cada um de vós, consoante a venera ou a desdenha, terá mais ou menos. *A responsabilidade é daquele que escolhe. O deus não é responsável, Rep.*, X, 617e. Até as ideias mestras de liberdade, justiça, paz, fraternidade e todas que expressam ideais inspirações são, no dizer fideliniano, inversões ideais da constância real em que o homem vive, pois no fundo, ele sabe que a vida seria impossível com o predomínio de um só hemisfério da sua constituição dual. O autor português, como se pode ver, não apresenta uma visão unívoca a respeito do homem. Ora ele parece ter uma visão amarga e quase negativa a propósito deste ser especial. Ora o oposto. Termos como inteligência e ferocidade aparecem lado a lado em sua concepção antropológica e não apenas como dados externos ao homem; são constitutivos, partes de sua estrutura ontológica dual. O homem é constitutivamente ambíguo, complexo, dissimulado, fingido e falso, ainda que inteligente e capaz de passar da astúcia à inteligência construtora de prodígios em todos os campos do saber humano. Quer isto dizer que o autor português veja a existência do ser humano sem sentido? Que ele possa ser concebido à base da angústia e náusea como, segundo ele, o faz o existencialismo francês? Não; o homem não é um absurdo. O homem não pode ser visto segundo uma concepção redutora e niilista; não pode ser

apresentado segundo uma concepção reducionista e unidimensional. Contudo, não quer isto dizer que Fidelino tenha sonhos vãos a respeito do homem; não, ele não os tem. Quando, por exemplo, a sua noção da duplicidade da natureza humana é criticada pelo escritor português Hernâni Cidade em seu livro *Portugal histórico-cultural*, de 1973, segundo o qual há a possibilidade da redenção natural do homem, mesmo sem auxílio transcendente, com espontâneo crescimento espiritual e superação e libertação de suas servidões, Fidelino reafirma a sua tese. Com efeito, ele assegura que o homem sempre matou os seus semelhantes no passado de um modo cruel e calculado. Ele tem o cuidado, contudo, de ressaltar que essa duplicidade de crime e inteligência não se verifique necessariamente em cada pessoa. Cada indivíduo a possui potencialmente em si, mas não se realiza necessariamente em ato em cada pessoa. Para Fidelino a duplicidade da condição humana, representada pelo mito biforme do *homo duplex, ferox etsi sapiens* mostra, por um lado, o íntimo conflito entre as tendências do instinto e dos limites do homem e, por outro, os anelos sempre presentes do espírito humano. Estes resultados finais do pensamento deste autor apresentam aspectos divergentes, mas mostram também o seu interesse profundo pelo ser humano e o seu destino.

4 CONCLUSÃO

De onde o mal? De onde o bem? Fidelino uma vez mais fica dentro de seu “involuntarismo” metafísico, constatando apenas pelos fatos, porque segundo a sua tese a natureza humana é dual. O que foi possível de se responder, desde a sua ótica, foi respondido. Fidelino de Figueiredo dá-se conta que há no mundo muita irracionalidade, muito sofrimento imerecido, injustiças impunes e estupidez sem esperança. Mas esse é um problema humano; se nem tudo pode ser totalmente compreendido algo há que o possa. Com efeito, ele afirma que o mal pode ser de origem pessoal, pois ele atinge toda a espécie humana, (FIGUEIREDO, 1956, p. 111). E, ainda, diz o seguinte sobre a gênese da doença e do mal:

(...) episódios da luta sem tréguas com a hostilidade da Terra-mãe e casos de displicência preguiçosa, imprevidência e ignorância no nosso comportamento individual ou em convívio. (...) Há responsabilidades pessoais em muitos casos, talvez na grande maioria deles. A ignorância e a injustiça pressupõem uma atmosfera de incúria e de violação das normas propícias à liberdade de pesquisa científica, à liberdade crítica e à liberdade reformadora das estruturas do convívio humano. Portanto os responsáveis são todos aqueles que levantam obstáculos a essas liberdades e, conseqüentemente, aos progressos da inteligência. (...) Bastaria desmobilizar os físicos e transferir para a ciência livre as verbas estonteantes da fabricação de bombas assassinas para que a ciência e a arte de curar aliviassem grandemente os que sofrem (...), (FIGUEIREDO, 1957, p. 41; 45).

Assim sendo, para Fidelino, o mal é só parcialmente misterioso em sua origem, vale dizer, há algo na gênese do mal que elude ser clarificado. Por outro lado, como já se viu, o mal é de origem humana, e isso pode ser constatado empiricamente, pois, como diz Platão, *o deus é bom em sua essência, não importa o que dele digam os poetas épicos, líricos ou trágicos Rep., II, 379^a*. A conclusão a que se chega neste trabalho é que a

característica onto-antropológica que se depreende dessa teoria fideliniana é a do homem como um ser dilemático, paradoxal, contraditório, sempre insatisfeito consigo e com suas escolhas, vale dizer, o homem, tal como o concebe e expõe fenomenologicamente Fidelino, é um ser que se realiza na luta contínua e aparentemente insuperável. As suas vitórias são sempre parciais, ora predominando a ferocidade e o mal, ora a inteligência. Em termos da filosofia tradicional: o ser do homem fideliniano é-está cindido e se caracteriza pelo seu aspecto polêmico que brota de sua própria constituição ontológica dual íntima e dilacerada, cheia de limites, cujo desfecho último conclui-se com o mal maior que é a morte. Isto dito, toda cautela é pouca quando se interpreta o pensamento antropológico de Fidelino de Figueiredo, pois para ele, apesar de tudo e contudo, o *Homem é a palavra mais nobre da linguagem* (FIGUEIREDO, 1957, p. 60).

REFERÊNCIAS

CARVALHO, Amorim de. **Fidelino: um filósofo de transitoriedade**. São Paulo: Universidade de São Paulo, 1974.

CASSIRER, Ernst. **Antropologia filosófica: introdução a uma filosofia da cultura humana**. Tradução do Dr. Vicente Felix de Queiroz. 2. ed. São Paulo: Mestre Jou, 1977.

CIDADE, Hernâni. **Portugal histórico-cultural**. Lisboa: Arcádia, 1973.

FIGUEIREDO, Fidelino de Sousa. **Um colecionador de angústias**. 3. ed. Lisboa: Guimarães, 1962. (1951)

_____. **Música e pensamento**. Lisboa: Guimarães, s. d. (1957) (1955) (Coleção *Filosofia e Ensaios*)

_____. **O medo da história**. Lisboa: Guimarães, s. d. (1957) (1955) (Coleção *Filosofia e Ensaios*)

_____. **Um homem na sua humanidade**. 2. ed. Lisboa: Guimarães, s.d. (1957) (1956) (Coleção *Filosofia e Ensaios*)

_____. **Diálogo ao espelho**. Lisboa: Guimarães, s. d. (1957) (Coleção *Filosofia e Ensaios*)

_____. **Entre dois universos**. Lisboa: Guimarães, s. d. (1959) (Coleção *Filosofia e Ensaios*)

_____. **Símbolos e mitos**. S. 1. (Lisboa): Europa - América, s. d. (1964) (Coleção *Estudos e Documentos*)

_____. **Ideias de paz**. Lisboa: Portugalia, s. d. (1966) (Coleção *Problemas*, 14)

_____. **Paixão e ressurreição do homem**. Lisboa: Portugalia, 1967.

PLATON. **Obras completas**. Traducción de María Araujo et al. 2.ed. Madrid: Aguilar, 1981. (Colección *Grandes Culturas*)